

CRIANÇAS OUVINTES E A EXPERIÊNCIA DE APRENDER UMA NOVA LÍNGUA – LIBRAS

Michele Maria de OLIVEIRA ¹

Prof^a Esp. Rosângela Aparecida Araújo FERREIRA²

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar a interação de crianças ouvintes em contato com uma nova língua (Libras). Em buscas bibliográficas, os autores ressaltam o processo de crianças ouvintes a descoberta e socialização com os surdos e sua cultura. As adaptações, na qual o professor mediador deve utilizar durante o processo de ensino e suas possíveis comunicações entre surdo e ouvinte. O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro faz um levantamento geral sobre o tema a ser tratado, o segundo discorre sobre o que são Libras e língua oral, o terceiro faz uma abordagem sobre a importância da Libras e o quarto expõe sobre a educação e apresenta a importância da criança ouvinte em aprender a língua de sinais.

PALAVRAS-CHAVE

Libras; Ouvintes; Aprendizado.

1.Introdução

Esta pesquisa procura aproximar os mundos de aprendizagem entre ouvintes e surdos, ou seja, principalmente crianças que buscam aprender a Língua Brasileira de Sinais.

Conhecer uma nova língua exige uma grande dedicação e desenvolvimento, pois estudar a Libras é uma ótima forma de experimentar outras relações e construir diversas identidades ligadas a uma nova forma de se comunicar. Quando existe comunicação entre ouvintes e surdos através da Libras, não existem barreiras para quem não consegue ouvir, pois todos são capazes de se comunicar e tentar de alguma forma uma comunicação. A surdez em momento algum, impede uma pessoa de viver de maneira normal e se comunicar com ouvintes e surdos.

¹ Pós-graduanda em Libras - Departamento de Pós-graduação – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – micheleoliveira92@gmail.com

² Professora Especialista em Língua Brasileira de Sinais – Docente – FIRA- Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – roaferreira@hotmail.com

2. Libras

A educação de surdos no Brasil iniciou em 1855, o imperador Dom Pedro II, trouxe para o país um professor surdo francês chamado Hernet Huet, com o objetivo de iniciar um trabalho com surdos. Huet usava um método francês, com a utilização da língua de sinais e escrita. Com a ajuda de Huet os surdos brasileiros passaram a ter contato com a língua de sinais francesa, e com o passar do tempo a compreensão de sua influência na Língua de Sinais Brasileira. Em 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro foi fundado o Instituto de Surdos-Mudos, hoje atual Instituto INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) que promove atendimento a muitos surdos no Brasil (OLIVEIRA, 2011).

A pessoa com surdez tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento que a ouvinte, porém com suas necessidades específicas como sua comunicação sendo suprimidas, pois a linguagem é algo natural das pessoas. A inclusão deve ter um sentido amplo, como também as adaptações às suas necessidades e expectativas. A LDB 9394/96 em seu artigo 59 prescreve que é de responsabilidade dos sistemas de ensino assegurar aos alunos com deficiência, independentemente de sua necessidade, a sua integração na vida e no meio social, inclusive possibilitando oportunidades e condições de exercer uma profissão (BRASIL, 2006).

Em 2005, a Libras foi regulamentada pelo Decreto n. 5.626, o qual prevê a formação de profissionais que trabalhem no ensino e tradução dessa língua em cursos de Letras-Libras e em cursos de especialização em Libras.

A Língua Brasileira de Sinais, graças à luta sistemática e persistente das comunidades surdas, foi reconhecida no Brasil como a Língua Oficial da Pessoa Surda, com a publicação da Lei nº 10.436 de 24 de abril, de 2002 e o decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (ALMEIDA, 1998, p. 41).

Em 2002, Libras foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos surdos brasileiros pela Lei Federal n. 10.436.

O Brasil reconheceu a Língua Brasileira de Sinais/ Libras, por meio da Lei nº 10.436/2002, como a Língua das comunidades surdas brasileiras, que no seu artigo 4º, dispõe que o sistema educacional federal e sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais / Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL. Lei 10.436 de 24 de abril de 2002).

Assim como o português na forma oral é a primeira língua para indivíduos ouvintes nascidos no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a primeira língua dos surdos, ou sua língua materna. A Libras utiliza a sua estrutura gramatical própria, os sinais são feitos conforme a combinação de movimentos das mãos, utilizando pontos de referência no corpo ou espaço. A sua estrutura gramatical consiste em cinco parâmetros: configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e direcionamento e expressão facial e/ou corporal. O ensino de Libras promove o desenvolvimento psicomotor, com atividades significativas, além de socialmente útil. O uso de Libras tem a capacidade de promover o desenvolvimento das funções psicológicas em pessoas surdos e ouvintes. Como primeira língua para os surdos, a Libras é de grande importância para as informações do ambiente em que vivem, apropriando os demais meios em que o surdo utiliza. A Libras é fundamental para que o surdo alcance o seu desenvolvimento, não somente pessoal, porém cultural próprio. A necessidade de uma formação escolar eficaz com aprofundamento e com compromisso para o desenvolvimento de um cidadão digno a todos seus direitos (OLIVEIRA, 2011).

3. Libras X Língua Oral

A linguagem, embora não seja a única responsável para formar um sujeito, não só expressa estados emotivos, como observado nos animais quando faz uso mecânico do som, mas em sua forma verbal engloba a organização do pensamento e diversas outras atividades psicológicas superiores (LURIA, 2006).

É fundamental que o homem se aproprie da linguagem e dos conhecimentos. É através das relações com outros seres humanos, que o homem aprende a viver no mundo e a atuar sobre ele. Pensando na escolarização do surdo Vigotski:

[...] A escola determina o sistema, e não ao contrário. [...] O problema da linguagem dos surdosmudos não será solucionado por um método especial, e sim, pela reestruturação geral da escola com base nos princípios da educação social. [...] O ponto de vista exposto, absolutamente, não nega a importância do significado especial do ensino da linguagem. [...] a luta pela frase inteira, pela palavra - contra a preparação fonética da linguagem; a luta da unidade da linguagem oral - contra a brincadeira da mímica; a luta pela estimulação natural do desenvolvimento da linguagem tomado da vida - contra sua assimilação ineficaz nas lições [...] (VIGOTSKI 1997, p. 342-343).

Alguns gestos no cotidiano empregados por usuários de línguas orais, não tem a mesma característica dos sinais existentes em Libras, eles já estão presentes na vida da criança desde pequena e servem de base para a aquisição de sinais. A linguagem oral, com sua natureza, permite aos ouvintes organizar, planejar e apresentar seu pensamento, tornando ela capaz de fazer uso intencional de instrumentos, atuando sobre a natureza e seu comportamento. Pesquisas mostram que grande porcentagem de surdos são filhos de pais ouvintes, o surdo está exposto à língua oral no seu núcleo familiar e social, onde a Libras é a língua dominante. De modo geral, a sociedade deve compreender o caráter bilíngue do surdo. Com a Libras o surdo tem acesso à cultura, conhecimento e sociedade, uma língua de um povo. É composta por todos os elementos da língua oral, portanto ela possui gramatical, semântica, pragmática, sintática e outros elementos que contem em qualquer língua estruturada. (QUADROS, 1997).

A Língua de Sinais é uma língua natural, com organização em todos os níveis gramaticais, prestando-se às mesmas funções das línguas orais. Sua produção é realizada através de recursos gestuais e espaciais e sua percepção é realizada por meio da visão, por isso é denominada uma língua de modalidade gestual-visual-espacial. (FERNANDES, 1998, p.2 *apud* Almeida 1998, p.4).

A Libras, por meio da sua aquisição o sujeito surdo tem alterado o seu psiquismo, por ela pode se dar a sistematização do ensino possibilitando a aprendizagem de várias situações, tanto do cotidiano como na escola. É fundamental que o homem se aproprie da linguagem e dos conhecimentos formais aprendidos na escola.

No contexto das escolas com alunos surdos no Brasil, a língua de sinais (Libras) é a língua da educação dos surdos, e essa tem sido uma luta histórica empreendida pela comunidade surda no sentido de garantir um ensino de qualidade nas escolas brasileiras. Nesse sentido, o conhecimento da língua de sinais pelo professor é um requisito primordial para efetivação de práticas pedagógicas que consideram diferença linguística e cultural dos surdos. O que se verifica, no entanto, é que tais requisitos não são atendidos e quase a metade dos profissionais que trabalham com surdos não conseguem se comunicar de forma eficiente com seus alunos (KARNOPP, 2005, p.68).

A condição bilíngue do surdo é o início de um caminho longo a ser trilhado onde demonstra novas questões, descobertas, desafios e reflexões, não somente para o surdo, mas para professores e a escola.

4. Libras e sua Importância

A Libras facilita a comunicação entre os surdos e entre surdos e ouvintes, que passam a se compreender e se relacionar de maneira positiva.

Uma conversa de surdos com surdos garante a preservação da identidade das pessoas, reconhece e valoriza as comunidades surdas. A presença de janelas de Libras em todos os programas de TV, de intérpretes em todas as instituições públicas e privadas, faz com que eles participem de forma efetiva na sociedade (OLIVEIRA, 2011).

A melhor forma de ajudar a comunicação dos surdos é se comunicar com eles, a conversa entre surdos e ouvintes, é uma forma de interação, tem grande importância saber a língua usada pela pessoa que está ao seu lado, pois a probabilidade de encontrar um surdo é bem maior do que encontrar um americano em sua cidade e/ou estado (GESSER, 2006).

Segundo Almeida (1998, p.3), “Surdos e ouvintes têm línguas diferentes, mas podem viver em uma única comunidade, desde que haja um esforço mútuo de aproximação pelo conhecimento das duas línguas, tanto por ouvintes como por surdos”.

Conhecer a Língua Brasileira de Sinais, nos torna bilíngue saberão as duas Línguas que nosso país possui, terão mais envolvimento e participação para a formação de uma sociedade com conscientização inclusiva e com respeito às diferenças.

5. O Ensino da Libras para Crianças Ouvintes

No Brasil muitas pessoas já se conscientizaram sobre a importância de aprender a Libras, mas essa mudança de comportamento só existe de verdade somente quando não tem preconceito. E quando se fala de atitude as crianças dão um grande exemplo. A integração entre surdos e ouvintes ainda não está em evidência, pois muitas pessoas têm retração de se comunicar com um surdo, com receio de não entender sua língua. Quando colocado em evidência, principalmente o ensino e aprendizagem de crianças surdas e ouvintes aprendendo juntas ou até mesmo a criança ouvinte ter incentivo de aprender uma nova língua (Libras), isso ajuda no relacionamento e aprendizado (GESSER, 2006).

Muitas crianças surdas acabam aprendendo a Libras e se alfabetizando tendo interação com seus colegas ouvintes. A Língua Portuguesa e a Libras são totalmente diferentes. Para alguns alunos ouvintes a dificuldade é um pouco maior quando em uma idade, porém quando ensinada desde pequenos a facilidade de adaptação é vista como uma perspectiva de grande conhecimento. Diferentemente de aulas de línguas orais, como o português e inglês, o contexto de Libras imprime outras relações entre os alunos ouvintes. O aluno não vai somente aprender a língua, mas aprender uma cultura, a história dos surdos e a sua língua de maneira teórica e prática. Motivar um aluno ouvinte a aprender Libras, é se identificar através dela, é prepará-lo para a inserção e a conscientização de um repertório de conhecimento, possivelmente alheios a sua realidade. (BROWN, 1994).

Em muitos casos cada aluno ouvinte demonstra suas dificuldades na habilidade de compreensão visual dos sinais. De modo geral, é importante ao professor ter a consciência de criar uma zona de conforto para o aluno, desenvolvendo estratégias e didática para que não aconteça um estranhamento do aprendiz com língua (Libras).

Finalmente, a integração tem um papel fundamental para os alunos, pois a conversa não ocorre isoladamente. Ninguém aprende uma língua para “monologar”. As negociações interacionais e etiquetas conversacionais são partes da cultura de uma comunidade linguística, mesmo que leve um tempo para o aluno se familiarizar com elas, mas cabe o professor promover situações concretas e reais de uso da língua-alvo e trabalhar estes elementos (BROWN, 1994, p. 254-255).

Outro fator nos leva a pensar em situações de aprendizado de Libras é a expressividade. O desenvolvimento da expressividade em sinais dos alunos ouvintes pode apresentar maior ou menor grau de dificuldade na habilidade expressiva junto aos sinais, pois o aluno precisa desenvolver, para que sua comunicação e aprendizado possibilitem uma grande e segura comunicação da língua de sinais (ALMEIDA, 1998).

Por fim, lembre-se de que, em todo processo de aprendizagem, há fatores de ordem afetiva como ansiedade, nível de exposição pessoal, atitudes em relação à língua-alvo, motivação para a aprendizagem, dentre outros. Aprender línguas não é tarefa fácil ou trivial para ninguém. No caso do aprendizado de língua de sinais por ouvintes, trata-se de uma tarefa das mais árduas no início, pois um movimento tem que ser feito, literalmente, da “boca” para as “mãos”. Se seus alunos se sentirem hostilizados ou menos amedrontados, a aprendizagem da língua de sinais pode ficar comprometida (GESSER, 2006, p.137-138).

O aluno ouvinte não terá somente a ligação com a Libras na escola, ele deve ter a consciência que em nossa sociedade poderá acontecer encontros com surdos, e através

desses momentos é oferecido a oportunidade de contato diferente daquele em sala de aula, colocando o ensino em prática. Quando inicia-se a aprendizagem de qualquer língua, em princípio apresenta-se uma insegurança natural, mas é importante procurar se esforçar e se arriscar nas situações de comunicação. Errar faz parte do aprendizado. A criança ouvinte que procura aprender a Libras, mantém o tempo todo a oportunidade de fazer parte de uma comunidade que necessita não somente do visual, mas de sua “prática sentimental”. O convívio entre surdos e ouvintes desenvolverá um sentido além do aprendizado, criando laços afetivos na comunicação ouvinte e surdo (GESSER, 2006).

Crianças são como esponja, absorvem informações, conhecimento com muita rapidez, o ensino da Libras poderia ser considerado algo lúdico, uma vez que os sinais são feitos com as mãos e há muita expressão facial, isso prende a atenção e deixa o aprendizado mais leve e eficaz. A surdez é uma deficiência escondida não há como saber se uma pessoa é surda a não ser que ela fale, pois a surdez não é aparente, como quem é cego, cadeirante. Seria consideravelmente importante conhecer/aprender a Língua Brasileira de Sinais, para comunicação com o nosso amigo ao lado que por muitas vezes fica isolado e passa despercebido (OLIVEIRA, 2011).

5. Considerações Finais

Aprender uma nova língua exige uma grande dedicação e vontade de conhecer uma nova forma de se comunicar. Quando a criança aceita a língua de sinais, ela aceita o surdo e seu modo de comunicação. O contato com o universo surdo leva a criança a querer ir em busca de uma língua que a ensina a cada descoberta. Ainda há muito a ser questionado e aplicado no ensino e principalmente quando trata-se de Libras, porém se a criança ouvinte crescer com uma bagagem de envolvimento na língua de sinais, poderá construir uma nova identidade e demonstrar que a comunicação com surdos é algo de extrema importância. Isso nos remete a um provérbio que diz: “se você sabe somente uma língua, você vive somente uma vez...” (GESSER, 2006).

Referências

ALMEIDA F. J. C. P. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. Campinas. Ed. Pontes.1998.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá Outras Providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em 04 abri. 2016

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e Práticas da Inclusão: Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais de Alunos Surdos**. 2 ed. Secretaria de Educação Especial, Brasília: MEC, 2006.

BOWN, H. D. **Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall Regents. 1994.

FERNANDES, . **Surdez e Linguagem: é possível o diálogo entre as diferenças?** Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1998. In: ALMEIDA, Maria de Fátima de Oliveira. *A importância da comunicação em Libras na vida das pessoas surdas*, 2012. Artigo Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/22074>>. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

GESSER, A. **“Um Olho no professor Surdo e Outro na Caneta”**: Ouvintes Aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de Doutorado Inédita, Campinas. Unicamp. 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. **A Língua na Educação do Surdo**. Volume 2. Secretaria de Educação/Departamento Pedagógico/ Divisão de Educação Especial. Porto Alegre, 2005.

LURIA, A. R. Vigotskii. *in*: L. S. VIGOTSKII; LURIA, A. R.; A. N. LEONTIEV (Org.). **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 10. ed. São Paulo. Ed. Ícone. 2006.

OLIVEIRA, L. A. **Fundamentos Históricos Biológicos e Legais da Surdez**. Curitiba. IESD Brasil S. A, 2011.

QUADROS, R.M. **Educação de Surdos: a Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas. 1997.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas- V** – Fundamentos de Defectología. Barcelona.
Editorial Visor. 1997.